



Modernizar, Abrir e Afirmar:

colocar o **PSD** na **Linha** da **Frente**

Moção da Comissão Política Nacional
da Juventude Social Democrata ao
40º Congresso Nacional do PSD

1, 2 e 3 de julho de 2022



JSD.PT

**PSD: O estado
a que chegámos.
É urgente mudar!** _____ **2**

6 _____ **Mudar o PSD
por dentro:
uma nova forma
de organização.**

**Fazer as ruturas
necessárias:
abrir o PSD a sério.** _____ **12**

16 _____ **Trabalhar
sem parar
na construção
da Alternativa.**

PSD: O estado a que chegámos. É urgente mudar!

“A mudança é a lei da vida. E aqueles que apenas olham para o passado ou para o presente irão com certeza perder o futuro.”

John F. Kennedy

O PSD sofreu um duro golpe nas últimas Eleições Legislativas. Depois de uma legislatura de estagnação e adiamento de reformas, uma crise artificial serviu para que António Costa se livrasse dos seus parceiros de primeira hora e governasse sozinho.

O PSD não conseguiu apresentar a alternativa reformista que os portugueses exigiam e Portugal precisava. Neste momento de reflexão, devemos começar por fazer uma introspeção que leve a mudanças profundas no PSD. Começa por olhar para nós. É esse o desafio a que a JSD tem procurado dar resposta desde as últimas eleições.

Apesar deste momento difícil, acreditamos que o nosso tem partido tem passado marcante, que nos deve orgulhar, e um futuro auspicioso pela frente. O PSD tem representantes preparados para o combate político: temos a segunda maior bancada parlamentar da Assembleia da República, um Grupo de deputados no Parlamento Europeu, duas Presidências de Governo Regionais, mais de uma centena de presidentes de Câmara e milhares de autarcas pelo País.

Embora necessite de um esforço coletivo para investir na sua vitalidade e renovação, o PSD apresenta estruturas internas de grande competência e relevância. O CEN é um espaço de discussão temática fulcral para que o partido chame a si os setores mais dinâmicos da sociedade portuguesa. Os TSD podem - e devem - assegurar uma implementação estrutural do PSD no sindicalismo humanista, despido de dialéticas marxistas. O Instituto Francisco Sá Carneiro representa uma tremenda oportunidade de o PSD ter um think tank aberto, capaz de produzir conhecimento científico, de captar investimento e de divulgar o PSD de forma atrativa. Por fim, a JSD.

A JSD é a estrutura autónoma mais antiga e relevante do PSD, mantendo com o nosso partido uma relação umbilical desde a sua fundação. A JSD tem como missão promover a social democracia personalista no seio da sociedade portuguesa, tendo assumido um papel preponderante na implementação do PSD junto da juventude portuguesa ao longo de 48 anos e várias gerações.

Se queremos ter futuro enquanto grande Partido português, um PSD grande que seja farol de esperança para um modelo de desenvolvimento económico e social justo, pujante e capaz de libertar as melhores energias das pessoas e da sociedade, então temos de ser capazes de fazer uma análise realista e serena sobre o estado em que estamos. Temos de analisar as nossas insuficiências e identificar o que está a falhar, para podermos refletir sobre as mudanças que queremos efetuar.

Hoje, o PSD funciona de forma praticamente idêntica àquela que foi gizada aquando da sua fundação. Apesar de alguns esforços recentes, o partido continua extremamente atrasado no que concerne à digitalização. A larga maioria dos procedimentos continua a ser em papel, implicando custos monetários, ambientais e temporais desnecessários. O mundo digital oferece um conjunto de potencialidades, que estamos a negligenciar, mantendo o funcionamento do partido em termos semelhantes àqueles que vigoravam quando só se comunicava por telefone fixo e carta.

A participação política no seio do PSD é extremamente limitada para a generalidade dos militantes de base. A estrutura territorial assumidamente hierarquizada obriga a que estes se preocupem essencialmente com a política do seu concelho, independentemente de esta constituir uma das suas preferências ou foco de interesse. Os militantes de base encontram à sua disposição reduzidos fóruns de participação ativa, ficando essencialmente na dependência da convocatória de plenários concelhios ou da existência de pontuais iniciativas.

O partido e os seus militantes carecem de uma oferta atrativa e constante, capaz de mobilizar a base de militantes e ser apelativa para a generalidade dos cidadãos. Esta oferta deve passar por uma componente formativa, que permita aumentar a literacia política e capacitar os militantes social democratas para o combate político, bem como por uma política de convívio entre militantes. A partilha destes espaços comuns provoca o diálogo e a confraternização, imperiosos para que tenhamos um partido unido e empenhado em mobilizar Portugal para uma alternativa de esperança e desenvolvimento.

A inscrição no PSD exige formalidades e burocracias que não se coadunam com um mundo e uma geração que funcionam à velocidade de um clique. Se por um lado entendemos e aceitamos que é necessário exigir formalismos suficientes para garantir a autenticidade da declaração de vontade dos potenciais militantes, por outro lado temos de reconhecer que caímos num formalismo bacoco e perigosamente afunilador. São muitos os potenciais militantes que, após sucessivas tentativas de filiação falhadas, desistem do processo. Este é um luxo a que o PSD não se pode dar, ainda para mais num contexto de maior competição pelo eleitorado à direita.

O PSD deve apostar em reinventar a forma como comunica com os portugueses. A comunicação política desenvolveu-se a uma velocidade vertiginosa, mas, uma vez mais, o nosso partido não teve capacidade para a acompanhar. Os cartazes políticos representam hoje uma forma de comunicação privilegiada, mas para passar a nossa mensagem não podemos apresentar os tradicionais semblantes sorridentes dos candidatos, acompanhados por slogans inócuos e repetitivos sob fundo branco. Sendo dispendiosos, estes cartazes não aumentam em nada a nossa base eleitoral. É possível apresentar uma linha de comunicação disruptiva sendo um partido sério de vocação governativa. Esta não é um privilégio dos pequenos partidos, nem podemos aceitar que seja um exclusivo seu.

A demais, urge alterar a atual forma como o PSD elege os seus órgãos nacionais. A implementação de eleições diretas permitiu que todos os militantes sejam chamados a pronunciar-se sobre o líder que pretendem para o partido. O aumento da base democrática do Presidente do PSD foi uma transformação positiva, que acarretou, todavia, o aumento das piores práticas de caciquismo e, simultaneamente, “matou” os congressos nacionais.

Discursos de oradores para salas muitas vezes despidas, apresentação de moções temáticas aprovadas por simpatia e que não vinculam o PSD à bandeira subscrita, mesas a perder de vista, frequentemente ocupadas por cadernos e canetas abandonados, mais congressistas à porta do congresso do que sentados nas cadeiras, cientes de que se discute mais política à entrada do que lá dentro. Este é o estado a que os congressos do PSD chegaram. Aqueles que eram momentos políticos de discussão e mediatismo transformaram-se em soturnos entroncamentos, despídos de qualquer interesse para o grande público, para a generalidade dos militantes e, tantas vezes, até para os próprios congressistas, apenas animados pela eleição de listas ao Conselho Nacional. Urge alterar a forma de eleição da liderança do PSD e o papel do Congresso na mesma.

Urge mudar. Os próximos anos serão uma excelente oportunidade para o PSD efetuar uma reforma interna. Não acreditamos que exista um cisma ideológico, um problema de programa ou de identidade no PSD. Acreditamos, sim, que o PSD precisa de se reformar e modernizar. Ser reformista cá dentro, para depois avançar para o País.

A JSD não vai faltar ao debate. É com esse intuito que elaboramos a presente moção, com um conjunto de propostas para modernizar, abri e transformar o PSD. A JSD quer estar envolvida no debate pela transformação, modernização e galvanização do nosso partido, a debater todos os temas que ajudem o PSD a ter um futuro mais risonho. Se queremos um PSD grande para a nossa geração e se existe na JSD massa crítica sobre o estado a que chegámos, então temos de ir a jogo e ajudar - com as nossas ideias - à reforma interna do PSD. Este é o propósito desta moção ao 40º Congresso Nacional do PSD: **“Modernizar, Abrir e Afirmar: Colocar o PSD na Linha da Frente”**.

Não temos a arrogância de considerar que neste documento de propostas para o futuro do PSD se encontra a panaceia para todos os problemas do nosso partido, mas entendemos que estas propostas da JSD são linhas de reflexão e propostas concretas de ação para encetarmos mudanças e reformas no nosso funcionamento interno, na abertura do partido e na afirmação da nossa alternativa. É com este espírito que colocamos à discussão pública o presente documento.

No atual contexto de maioria absoluta socialista em que nos encontramos, é importante intensificar a oposição que fazemos, mas é também o momento do PSD olhar para dentro de portas e proceder a reformas que o tragam para a linha da frente do combate político do séc. XXI.

É impossível que um partido pouco atrativo e parado no tempo seja atrativo para fora de portas, consiga mobilizar os seus militantes e ser apelativo para a generalidade dos cidadãos. Precisamos de nos reinventar para que o PSD esteja na linha da frente do combate à Governação Socialista e na linha da frente da alternativa política em Portugal.

Olhando para alguns partidos congéneres da nossa família política, o Partido Popular Europeu, vemos os sinais de um mundo em mudança e de como o centro-direita moderado está a ser ultrapassado, estando incapaz de cativar as pessoas. Dois partidos que já governaram os seus países estão reduzidos à sua expressão mínima. Os Republicanos franceses tiveram 4.8% nas presidenciais de 10 de abril. O Forza Italia vale cerca de 8% das intenções de voto. O centro-direita europeu está a falhar ao eleitorado por falta de mensagem, propósito, protagonistas e incapacidade de comunicar e de se renovar. A falta de inovação, modernismo e de abertura à sociedade, assim como de uma mensagem focada no bem-estar e na qualidade de vida das pessoas, tornou o centro-direita moderado pouco atrativo. Ou muda de postura, ou as pessoas procurarão cada vez mais – e de forma irreversível – outras paragens. Em Portugal, ainda vamos a tempo de o evitar.

A alternativa de centro-direita moderada e reformista, que acreditamos que o PSD deve protagonizar, exige um partido mais popular, aberto e moderno, menos cinzento, soturno e passadista. Em suma, exige um Partido mais cativante.

Mudar o PSD por dentro: uma nova forma de organização.

“Com tempo e organização consegue-se fazer tudo e bem feito.”

Pitágoras

Em quase todas as conversas informais, tertúlias e conferências sobre o estado do PSD há um denominador comum: o partido foi-se enquistando internamente, não tendo capacidade ou vontade de mudar o seu modo de funcionamento interno ao longo dos anos.

Hoje, o PSD necessita de uma lufada de ar fresco, que transforme o quotidiano e a forma como o partido está organizado. Precisa de efetuar ruturas em algumas áreas com o passado, sob pena de ficar - dia após dia - menos atrativo, menos qualificado e menos capaz de desenvolver a sua ação política.

O rasgo que sempre caracterizou a ação política do PSD a nível nacional, regional e local deve ser o mote para mudarmos o partido. O PSD nunca teve medo do futuro, nem de efetuar as ruturas necessárias quando se viu perante uma encruzilhada.

No dia a dia e em muitos pontos do país, o PSD sobrevive e luta politicamente através do voluntarismo e abnegação dos seus militantes, que não baixam os braços e continuam a trabalhar em prol do Partido Social Democrata. Esses valores e essa dedicação devem ser sempre valorizados e enaltecidos, mas a nossa constante necessidade em contar com o voluntarismo dos militantes evidencia também a falta de profissionalização de métodos, atos e práticas das estruturas. Situação que é muitas vezes resultado da falta de apoio por parte da sede nacional do PSD, seja nas estruturas territoriais, seja nas estruturas autónomas.

A JSD defende uma profunda profissionalização da ação política do PSD. Um partido político do século XXI tem de funcionar com rigor e método, tendo de se adaptar à realidade dos tempos, e não ficar parado no status quo passado. O amadorismo e a excessiva dependência do voluntarismo fazem com que o partido não se vá atualizando, modernizando e transformando. Por outro lado, a JSD também recusa as visões passadistas ou avessas à mudança que justifiquem as ações com o facto de sempre se terem feito daquela forma ou porque foram as fórmulas adotadas nos anos 70, 80 ou 90.

Na vertente interna, quer no âmbito da organização quer no exercício da militância, há muito espaço para melhorar as nossas práticas e reformar profundamente o partido. Conforme já referido em cima, devemos considerar toda a organização do PSD, com todas as estruturas, garantindo que toda a família ruma na mesma direção. Este objetivo só se consegue com o envolvimento de todos numa nova dinâmica de transformação.

A reforma interna de funcionamento e ação não deve ser um ajuste de contas ou movida por cálculos eleitorais internos. A reforma e as mudanças devem ser feitas em nome do futuro do PSD, num espírito colaborativo, inspirados nas melhores práticas internacionais de organização política, mas também no que de bom e pujante se faz hoje em Portugal no campo político e na sociedade civil.

Por outro lado, a forma como nos organizamos, os instrumentos que estão à disposição de dirigentes e militantes, as plataformas e fóruns disponíveis ajudam ao nosso propósito de galvanizar militantes, simpatizantes e todos os que partilham dos valores e das causas do PSD, e no nosso partido depositam a sua confiança.

Um partido mais atrativo, moderno, ágil e digital terá a capacidade de atrair mais pessoas, mais quadros qualificados, mais valor e talento para as nossas fileiras. Um partido que esteja à frente dos seus tempos, sintonizado com o século XXI, é um partido capaz de galvanizar as novas gerações.

O nosso objetivo será sempre o de conquistar mais força e mais confiança na sociedade. Enquanto promotores deste documento, sabemos bem que nenhuma liderança ou gestão do PSD pode naturalmente virar-se, ao longo do seu mandato, exclusivamente para dentro, consumindo-se com os assuntos de intendência ou de administração interna. Nesse sentido, a leitura crítica que fazemos e as propostas que apresentamos são de funcionamento interno, mas com um pendor claro e assumido de orientação externa, de abrir o PSD e o seu dia a dia, de utilizar as mudanças internas como motor de galvanização externa, junto das pessoas e dos concidadãos.

Tendo por base este enquadramento, a Juventude Social Democrata propõe:



Mudança da sede nacional do PSD

Um partido que tenha o objetivo de estar em permanente contacto com a população deve procurar ter uma sede nacional aberta e que seja apelativa para qualquer cidadão poder entrar. A atual sede do PSD não oferece estas condições, sendo um espaço pouco apelativo e pouco convidativo a quem deseje entrar em contacto físico com o partido. Neste sentido, a JSD propõe que o PSD procure outro espaço para instalar a sua sede nacional, num lugar mais central da cidade de Lisboa. Um espaço moderno que tenha valências várias: espaços de convívio e confraternização, auditórios e salas para eventos e reuniões, estúdios de audiovisuais, zona de redes sociais, espaços de partilha de ideias num espírito que encontramos em espaços de co-criação, cowork ou sedes de startup e que, a par de todos os serviços para o funcionamento interno, congregue uma dimensão de abertura à população. De tempos a tempos, empresas e organizações à procura de uma nova postura ou posicionamento, mudam as suas instalações. Entendemos que é com um espírito de abertura, modernidade e agilidade, e inspirado nos mais atuais modelos de sede de organizações, que o PSD deve procurar mudar a localização da sua sede nacional para um novo espaço.

→ **Reformulação do Instituto Francisco Sá Carneiro**

O nosso Instituto Francisco Sá Carneiro (IFSC) tem um enorme potencial por explorar. Acreditamos firmemente que o IFSC pode ser um dos principais instrumentos desta nova fase da vida do PSD. No entanto, é preciso transformar o IFSC num grande “think tank” do partido, que permita a qualquer pessoa interessada a inscrição (hoje, segundo os Estatutos em vigor, apenas “são associados do Instituto todos os subscritores da escritura de constituição e todos aqueles que, por proposta do Conselho de Administração ou de dez membros do Conselho Geral, sejam admitidos por este em votação secreta”). Precisamos de um IFSC que funcione como um aliado do PSD na promoção dos nossos valores; na relação com stakeholders da sociedade, nomeadamente através de parcerias com escolas e instituições de ensino superior; na divulgação de factos, estatísticas e estudos sobre temas nacionais e internacionais; na organização de formações atrativas para a população; na constituição de uma biblioteca digital com autores e publicações relevantes nas áreas da política, filosofia, história, economia, entre outros; e na criação de conteúdos audiovisuais que ajudem à divulgação das ideias e pensamento da experiência portuguesa da social democracia. Entendemos que, naturalmente, o IFSC deve continuar também a sua promoção da vida, obra e legado de Francisco Sá Carneiro, mas consideramos que devemos rasgar novos horizontes. Essa será, sem dúvida, uma excelente forma de homenagear e perpetuar a figura de Francisco Sá Carneiro no tempo.

→ **Formação Política Regular**

A formação é uma área-chave para a Juventude Social Democrata, pelo que entendemos que o PSD deve, a nível nacional, promover um programa de formação regular e transversal a todas as áreas da governação desde o âmbito local ao internacional, passando pelo patamar nacional. Um programa de formação aberto a todos os cidadãos, de frequência recomendada a todos os militantes do PSD e obrigatória para todos os candidatos externos do partido, com um sistema de avaliação. Este programa de formação política pode ser organizado, para economia de recursos e maior alcance, através de meios digitais, com conteúdos relevantes a serem disponibilizados, e conjugado com modelos presenciais. A oferta de formação política regular deve caracterizar a nova vida do PSD, como forma de melhorar a qualidade dos nossos quadros e fortalecer a ação política. Todas as estruturas autónomas do PSD devem ser mobilizadas para este esforço numa conjugação de esforços para promover a melhor formação política em Portugal.

→ **Profissionalização do Conselho Estratégico Nacional (CEN)**

O CEN é uma ideia positiva desenvolvida nos últimos anos e que o PSD deve continuar e ampliar nesta nova fase da vida do partido. Conjugado e sintonizado com a nova visão que temos para o IFSC, o CEN deve continuar a ser um espaço para o exercício da militância temática, tendo em consideração que existem pessoas apenas interessadas neste tipo de contributo para o PSD e para o país. Neste sentido, a nova vida do Conselho Estratégico Nacional deve passar pela profissionalização da sua equipa de direção executiva, por forma a que os seus membros estejam dedicados a 100% à produção de documentos, propostas e manifestos políticos e eleitorais para a

Comissão Política Nacional do partido, mas também para um maior relacionamento com o Grupo Parlamentar do PSD no escrutínio das propostas das outras forças políticas e no auxílio aos deputados do PSD na preparação de propostas políticas e iniciativas legislativas de maior valor acrescentado. Por outro lado, entendemos que o CEN não deve ter uma dimensão territorial e deve manter-se exclusivamente como uma estrutura de âmbito temático de alcance nacional, na qual qualquer militante pode contribuir para a agenda nacional, não estando subjugado aos temas do seu distrito ou a coordenações distritais.

→ **Recrutamento anual de jovens com talento**

As nossas instituições de Ensino Superior formam todos os anos futuros profissionais de enorme valor e qualidade técnica. São um espaço tipicamente na vanguarda do conhecimento e da inovação nas mais diversas áreas. O PSD deve iniciar uma nova cultura na gestão dos seus recursos humanos, promovendo recrutamentos anuais de jovens recém-saídos do Ensino Superior, que assegure a contratação de jovens quadros, capazes de assessorar e auxiliar em todas as áreas de atuação diária do partido. Os jovens procuram uma oportunidade no mercado de trabalho para colocar em prática os seus conhecimentos e ganhar currículo, e há inúmeros jovens que gostavam de ter uma oportunidade no espaço da política e a trabalhar numa organização política. O PSD beneficiará de uma estrutura fresca e rejuvenescida, que valoriza o novo conhecimento e as novas abordagens. Esta deve ser uma prática de recursos humanos que permitirá atrair e reter talento no seio do PSD.

→ **Estrutura interna de sondagens, análise de dados e estatísticas**

O PSD deve orientar a sua ação política pelos nossos valores, princípios e linhas programáticas, mas ao mesmo tempo deve assentar as suas posições em factos, estatísticas e estudos quantitativos e qualitativos das principais preocupações, tendências e problemas na sociedade portuguesa. A JSD acredita que, baseando a política num conhecimento aprofundado da realidade, seremos mais eficazes e certos na ação política. Neste sentido, propomos que o PSD crie uma estrutura interna de sondagens, análise de dados, estatísticas que tenha como objetivo fundamentar e auxiliar as tomadas de posição e propostas, através de estudos quantitativos e qualitativos da população com base em modelos científicos testados. Mais do que saber se, em determinada sondagem, o PSD sobe ou desce 1 ou 2%, importa conhecer as principais motivações, preocupações e temas que - a cada momento - importam aos portugueses. Este passo será uma etapa fundamental para um partido mais moderno e capaz de responder aos desafios da atualidade. Esta equipa poderá naturalmente trabalhar com entidades externas especializadas neste âmbito, mas deve permitir que dentro do partido se comece a desenvolver o conhecimento e experiência em análise de dados e elaboração de estudos quantitativos/qualitativos.

→ **Equipa de apoio às estruturas**

O PSD será tanto mais forte a nível nacional quanto mais forte for em cada um dos 308 concelhos do nosso país. A nossa implantação enquanto partido verdadeiramente nacional tem sido testada nos atos eleitorais dos últimos anos, com preocupações e red flags que o PSD não deve ignorar, se quiser ser uma alternativa

maioritária na sociedade portuguesa e em todo o país. Assim, o PSD deve criar - na sua estrutura nacional - uma equipa que tenha como única função e foco o apoio constante e diário às estruturas locais, nomeadamente as que são mais frágeis ou cujo contexto político local/regional dificulta a implantação do partido e, por consequência, a sua força eleitoral. Esta equipa poderá ser constituída no âmbito da Secretaria-Geral do PSD, mas deve ter o respaldo e o conforto político do Presidente da Comissão Política do PSD para garantir que a sua ação tem efeitos transformadores junto das bases do partido. Um PSD todo-o-terreno deve ser o mote desta equipa, que fará todos os esforços para fortalecer, fazer crescer e ajudar à implantação nos territórios mais difíceis para o nosso partido, dando resposta às dificuldades sinalizadas pelos nossos agentes locais, mas também com proatividade para entregar propostas de ação e ajuda na sua execução.

→ **Equipa profissional de apoio à liderança do PSD**

O Presidente do PSD é uma das figuras mais mediáticas e importantes da sociedade portuguesa, seja quando é Primeiro-Ministro, seja quando - como agora - é líder da oposição. Neste sentido, o PSD deve ter uma preocupação especial com o acompanhamento diário e assessoria ao Presidente do partido. Por outro lado, a política hoje não pode viver apenas do louvável voluntarismo ou do espírito de missão de uns poucos, a política exige procedimentos profissionais, rigor, método, trabalho de equipa e tarefas claras numa estrutura flexível que providencie o melhor auxílio ao Presidente do partido. O Presidente do PSD tem de, numa base diária, falar ao país, posicionar-se sobre os assuntos, estar com a população, reunir-se com os mais diversos stakeholders e liderar o partido, entre outras ações e apontamentos de agenda. Assim, a JSD propõe que seja constituída uma equipa profissional de apoio à liderança, que trabalhe 24/7 nesta missão e que todos os dias, numa base quase horária, faculte os melhores briefings e inputs à ação, relação com os media, discurso e posicionamento do Presidente do PSD. Esta equipa deve estar em estreita ligação diária com o novo CEN, com a estrutura interna de sondagens, com a liderança parlamentar, com as estruturas e organizações autónomas do partido, e deve ser constituída por membros escolhidos pelo Presidente do PSD.

→ **Criação da figura do Diretor Geral do PSD**

As mudanças propostas neste documento exigem um significativo esforço de modernização e transformação do PSD, não isentas de esforços, contrariedades e dificuldades, próprias do carácter pouco avesso à mudança do ser humano e das organizações. Seguindo este caminho proposto pela JSD, o PSD não será exceção. Neste sentido, entendemos que a futura Secretaria-Geral deve ter um pendor fortemente político, tendo em conta o contexto político difícil que temos pela frente até 2026, data previsível das próximas eleições legislativas, com vários desafios eleitorais pelo meio. Assim, o PSD deve criar a figura do Diretor Geral, que fique responsável por toda a transformação organizacional do partido, tendo a confiança política máxima do Presidente e da Secretaria-Geral da Comissão Política Nacional. Esta função de Diretor Geral deve ser norteadada por uma lógica de gestão de projeto e tratará das reformas internas e da gestão orgânica do partido, não tendo responsabilidades de ação política no sentido tradicional, como - no nosso entendimento - se exige ao próximo Secretário-Geral, nomeadamente na relação com as estruturas e organizações autónomas do partido.

➔ **Resolver os problemas na filiação e assegurar a transição automática**

Todos os que querem ser militantes do PSD devem conseguir sê-lo. Não podemos aceitar que os nossos procedimentos de filiação afastem pessoas. Hoje, já é possível ser militante do PSD através de meios digitais, mas persistem situações em que potenciais militantes se queixam de não conseguirem aderir ao PSD por faltar sempre determinado documento ou formalidade. O PSD deve ser incansável na resolução destes problemas, não podendo descansar sempre que alguém quer ser militante, mas não consegue por questões burocráticas. Devemos utilizar as ferramentas digitais à nossa disposição para resolver estes problemas e instalar uma cultura de esforço contínuo na ajuda à filiação. Por outro lado, há vários anos que a JSD pretende que seja consagrada a transição automática da filiação dos militantes menores da JSD para militantes maiores da JSD, evitando a dupla inscrição, a perda de tempo de militância e, em inúmeros casos, a perda completa da filiação de determinado militante. É tempo do PSD encarar este problema e resolvê-lo estatutariamente e do ponto de vista procedimental, garantindo que um militante da JSD quando faz 18 anos, transita automaticamente para militante do PSD.

Fazer as ruturas necessárias: abrir o PSD a sério.

“A vida, para mim, sem risco não faz sentido.”

Francisco Sá Carneiro

Os portugueses estão menos satisfeitos quanto aos índices de democracia em comparação com a média europeia. Em Portugal, o grau de confiança dos cidadãos nos partidos políticos é de apenas 16,7%. Para além disso, Portugal é dos países da União Europeia que tem uma das mais baixas taxas de participação em eleições parlamentares, podendo assim verificar que existe um afastamento entre os políticos e os cidadãos.

Estes dados, além de relevantes e ilustrativos, devem convocar todos a uma reflexão profunda sobre de que modo é que os poderemos inverter e qual deve ser o nosso papel para garantirmos que estes mesmos dados, aplicados à futura geração de políticos, têm resultados diferentes. Aproximar os eleitores dos eleitos é acima de tudo garantir a melhor perceção possível dos cidadãos com os políticos, privilegiando a ética e a transparência.

Estes dados acabam por refletir a falta de confiança de todas as portuguesas e portugueses nos partidos políticos. Por esse motivo, é crucial repensar o próprio sistema eleitoral do Partido Social Democrata, tornando-o cada vez mais transparente, plural e dialogante com a sociedade civil. A saúde do PSD sairá fortalecida com uma reforma do nosso sistema eleitoral interno.

O número de cidadãos ativos nos partidos representa menos de 3% do total dos votantes, sendo um número bastante reduzido face a outros exemplos e realidades. Isto demonstra que os próprios militantes cada vez menos se reveem nas causas que os próprios partidos defendem. Deste modo, é necessária uma adaptação à realidade atual e aos temas do nosso quotidiano. Só assim será possível restabelecer o interesse e, conseqüentemente, a aproximação da sociedade civil à vida política do PSD.

No PSD, o atual modelo de eleição direta do Presidente do Partido e, por consequência, de Congressos não eletivos da liderança já se encontra em vigor há mais de 15 anos (as primeiras diretas foram a 5 de maio de 2006), pelo que com várias eleições diretas - não disputadas e disputadas - desde então, é já possível fazer um balanço deste modelo. Como já referido anteriormente neste documento, podemos concluir que, com as eleições diretas, aumentou-se a base democrática da eleição com mais militantes a escolher a liderança, assistimos a fenómenos pouco dignos, mas recorrentes, de caciquismo e os Congressos Nacionais perderam interesse político e mediático.

É também de evidenciar que, a título de exemplo, nestas diretas de 28 de maio de 2022, participam na escolha do Presidente da Comissão Política Nacional do PSD, um universo eleitoral cerca de 45 mil militantes/votos, o que equivale a menos de 3% do total de votos que o PSD obteve nas eleições legislativas de janeiro de 2022. Ora, se é utópico e irrealista imaginar que todos os nossos votantes querem participar na escolha do

Presidente do PSD e candidato a Primeiro-Ministro, é também plausível assumir que o PSD conseguiria ter uma maior base democrática de eleição da sua liderança se abrisse as eleições diretas à participação de não militantes, considerando que somos um partido que recolhe a confiança de milhões nas urnas, mas em que menos de meia centena de milhar elegem o líder.

Uma alteração desta índole é profunda, não é perfeita (como qualquer solução num sistema democrático), mas acreditamos que tem um potencial enorme de abrir o PSD. Ora, é este propósito que move a JSD, mudar para abrir o partido a sério, correndo riscos, mas sabendo que deixar tudo como está, colocará em causa a sustentabilidade futura do PSD enquanto partido grande e referência no nosso campo político, mas também como alternativa política na sociedade portuguesa.

O papel que a abertura dos atos eleitorais internos tem, a par da reformulação do Congresso Nacional e a instituição de novas realidades nos processos eleitorais, pode alavancar o futuro do partido, tornando-o mais vivo, vibrante e galvanizador, ao invés de um partido oco, mais pequeno, com cada vez menos pessoas a decidir e refém de práticas que não engrandecem o PSD e a democracia. As propostas que a JSD apresenta neste capítulo exigem naturalmente uma Revisão Estatutária profunda, à qual a JSD não faltará com os seus contributos e com as suas propostas para colocar o PSD na Linha da Frente.

Tendo por base este enquadramento, a Juventude Social Democrata propõe:

→ **Instituição de eleições diretas primárias para Presidente do PSD e direção nacional**

a JSD propõe que o PSD efetue uma revisão estatutária que implemente as eleições diretas primárias para a escolha do Presidente do PSD e restante direção nacional do partido, dando o direito de voto aos cidadãos que quiserem participar na eleição, sendo ou não militantes do PSD. O caminho de futuro deve ser o de abrir o partido a sério, sem receios ou medos, à população. Entendemos que este passo é coerente com a análise que fazemos do estado a que o partido chegou e entendemos que seguir neste caminho é sinal de maturidade e futuro, é a expressão da genuína vontade de abrir e envolver mais pessoas, e ainda, de religar/reconectar o partido com a sociedade. Andar para trás - congressos eletivos - ou deixar tudo como está - eleições diretas entre militantes - é não compreender o que está a acontecer ao nosso partido ao longo dos últimos 15/20 anos.

→ **Fim da obrigatoriedade do pagamento de quotas para poder votar na escolha do Presidente do PSD**

Em consequência da proposta anterior, entendemos que ela deve ser acompanhada pelo fim da obrigatoriedade do pagamento de quotas para obtenção da capacidade eleitoral ativa nas eleições diretas primárias que elegem o Presidente do PSD e a restante direção nacional. Esta proposta tem o mérito de alargar a esfera de participação e de terminar com os episódios que em nada beneficiam a imagem do partido. A JSD entende que se para se ser eleito para qualquer órgão do PSD (capacidade eleitoral passiva) se deve exigir um vínculo e um compromisso - pagamento da quota - para participar nas eleições primárias, apenas se deve exigir um compromisso de

a JSD propõe que o PSD efetue uma revisão estatutária que implemente as eleições diretas primárias para a escolha do Presidente do PSD e restante direção nacional do partido, dando o direito de voto aos cidadãos que quiserem participar na eleição, sendo ou não militantes do PSD. O caminho de futuro deve ser o de abrir o partido a sério, sem receios ou medos, à população. Entendemos que este passo é coerente com a análise que fazemos do estado a que o partido chegou e entendemos que seguir neste caminho é sinal de maturidade e futuro, é a expressão da genuína vontade de abrir e envolver mais pessoas, e ainda, de religar/reconectar o partido com a sociedade. Andar para trás - congressos eletivos - ou deixar tudo como está - eleições diretas entre militantes - é não compreender o que está a acontecer ao nosso partido ao longo dos últimos 15/20 anos.

→ **Sufragar a equipa ao mesmo tempo que o Presidente**

No novo modelo eleitoral que propomos - eleições diretas primárias - entendemos que cada eleitor (militante ou não militante) deve votar num Presidente e numa equipa, realidade que hoje não acontece, com a eleição do Presidente a acontecer nas diretas e a da direção nacional a acontecer no Congresso Nacional, esta última numa eleição de lista única. Assim, cada votante terá - no momento do voto - o conhecimento claro de qual a equipa que acompanha cada candidato a Presidente do PSD, não havendo lugar a surpresas e tendo o eleitor a informação clara sobre quem serão os rostos da nova liderança do PSD.

→ **O novo papel dos Congressos Nacionais**

Com a instituição de eleições diretas primárias para escolher o Presidente e direção nacionais, entendemos que o Congresso Nacional deve ser em momento prévio a essa eleição, permitindo que os Congressos Nacionais do PSD voltem a ter interesse político e mediático, com discussão de projetos políticos alternativos, apresentação de equipas e das linhas gerais de cada moção de estratégia global. Neste Congresso Nacional prévio às eleições diretas primárias seriam eleitos pelos Congressistas os demais órgãos nacionais do partido. Por outro lado, deve equacionar-se um novo modelo de organização do Congresso, tornando-o mais atrativo, mais leve, com espaços para discussão temática, ligado às redes sociais e permitindo a participação de convidados, com espaços de destaque para as organizações autónomas, com momentos culturais a intercalar a discussão política e inspirado no que hoje se faz de mais moderno e vivo nos Congressos que acontecem pelo mundo, sejam políticos ou corporativos.

→ **Instituição do Calendário Eleitoral único**

A JSD instituiu recentemente o calendário eleitoral único, com um período específico e uniforme para eleições nas concelhias e distritais da JSD. Ora, defendemos que o mesmo modelo deve ser adotado no PSD, com um período em que todas as concelhias do PSD vão a votos e outro período em que todas as distritais do PSD são eleitas. Entendemos que as eleições são uma das mais bonitas e vivas manifestações da democracia, porém, entendemos que o PSD não pode estar constantemente em atos eleitorais, que muitas vezes acontecem na proximidade de atos eleitorais externos de maior relevância, com reflexos e consequências na ação política externa do PSD.

Assim, deve o partido ser capaz de organizar a sua democracia interna num determinado período, tendo depois de eleitos os seus órgãos internos, a capacidade e o foco total no trabalho para as populações.

→ **Atualização da nomenclatura interna do Partido**

A nossa nomenclatura interna oriunda dos anos 70 e do momento fundacional diz muito pouco às pessoas, sendo por vezes, complexa de entender por qualquer cidadão que não sabe o que é uma “Comissão Política”. Nesse sentido, a JSD defende que o PSD, através de uma revisão estatutária, atualize a sua nomenclatura interna, substituindo os nomes e terminologia setentista por nomes de órgãos e cargos, mais próximos da realidade que os portugueses conhecem em associações, organizações e empresas. Ao efetuar a proposta, sabemos que ela é simbólica, mas imbuído de um espírito de reflexão que conduza à ação reformista, o PSD deve considerar também aqui a sua atualização. A título de exemplo, se temos a experiência que poucos sabem o que é uma Comissão Política, acreditamos que muitos saberão mais facilmente o que é uma “Direção Nacional”.

→ **Instituição do voto eletrónico**

Defendemos a digitalização profunda do partido, pelo que a JSD defende que o PSD avance com um projeto piloto para testar a consagração do voto eletrónico em eleições internas. O PSD deve saber acompanhar a revolução digital em curso, garantir mais transparência nos seus atos internos e ser precursor no meio político face a uma realidade que já acontece noutras esferas e organizações da nossa sociedade.

Trabalhar sem parar na construção da Alternativa.

“A necessidade é a mãe da inovação.”

Platão

Nos próximos anos, o país precisa de concentrar todos os seus esforços na convergência com as sociedades mais desenvolvidas da Europa. Esta frase podia ser dita por qualquer português nos anos 80, ou no início dos anos 90, do século passado. Mas infelizmente, esta é ainda uma realidade premente e urgente neste início da terceira década do século XXI.

Há duas décadas que Portugal vai descendo para a posição de país mais pobre da Europa. Em 2000, ocupávamos a 15ª posição no ranking europeu do PIB per capita. Hoje, ocupamos a 19ª posição. Entretanto, fomos ultrapassados por vários países do Leste e do Báltico e, se nada continuarmos a fazer, a cauda da Europa será cada vez mais o nosso lastimável destino. Há 20 anos, o PIB per capita nacional era 85% do da média europeia. Hoje já nem aos 80% chega.

Escolhas políticas erradas têm contribuído, por ação ou inação, para este resultado. E as consequências deste definhamento no panorama europeu recaem particularmente sobre os mais pobres e os desafortunados da lotaria da vida. Uma sociedade que conjuga estagnação, pobreza significativa (e geracionalmente muito reprodutiva) com uma triste endogamia social que limita as possibilidades de muitos para subir na vida, independentemente do seu esforço, ou do talento e mérito que possam ter.

A socialização da estagnação atingiu o seu auge nos últimos anos com António Costa. Por expressa vontade do Primeiro-Ministro, o país desperdiçou a conjuntura económica e financeira favorável que teve para efetuar reformas significativas que pudessem contrariar o caminho do empobrecimento e colocar Portugal a convergir sustentadamente com a Europa.

Não se pode exigir a um Governo que resolva todos os problemas de uma sociedade ou que reforme em todas as áreas, mas podemos exigir que faça reformas em algumas áreas fundamentais. Podíamos referir áreas como a Educação, a Administração Pública, a Saúde, a Justiça, a Economia ou a Segurança Social para se constatar que apenas tivemos gestão corrente. Por não ter vontade própria e por se ter colocado nas mãos de bloquistas e comunistas, tivemos o Governo menos reformista, mais situacionista, imobilista e conservador das últimas décadas. Agora com uma maioria, é preciso ter muita fé para acreditarmos que será diferente.

A classe média cada vez mais proletarizada, sufocada em impostos e taxas, e com um salário médio líquido de 1000€, as novas gerações sem se conseguirem emancipar e sujeitas a salários indignos, os mais velhos abandonados à sua sorte, empresas torturadas pela burocracia e perseguição estatal, serviços públicos a rebentar pelas costuras e, acima de tudo, um país onde não há esperança de ser mais do que isto, do

que o “ramerrame” do costume, um país sem elevador social, um país sem ambição. Estaremos nos próximos anos a liderar a oposição, pelo que a par de uma forte oposição e fiscalização ao Governo maioritário do PS e António Costa, cabe-nos conseguir afirmar a nossa Alternativa política. Temos de construir uma alternativa de ambição e futuro para os portugueses. Se não o fizermos, estaremos a falhar às atuais, mas também às novas gerações.

Uma alternativa com o objetivo de construir um país com efetiva igualdade de oportunidades. Um país em que o que alcançamos na vida esteja mais relacionado com o esforço e o trabalho de cada um e não seja enviesado por um sistema distorcido, em que a cunha, o favor ou a rede de contactos substituam a Educação como elevador social. Um país onde quem nasce pobre não tenha de esperar cinco gerações até sair da pobreza.

Uma alternativa capaz de impulsionar uma economia forte, robusta e competitiva, com um crescimento sustentável, caracterizada por melhores empregos e melhores salários, que vença o atraso crónico de Portugal, capaz de convergir e descolar da cauda da União Europeia.

Uma alternativa capaz de fiscalizar a execução dos novos fundos europeus, nesta que é uma oportunidade, talvez das últimas nas próximas décadas, para construir um Portugal de oportunidades para as novas gerações.

Uma alternativa que priorize termos uma economia que não estigmatize quem investe e quem arranca com o seu próprio negócio. Uma economia que não seja soterrada por um sufoco fiscal. Uma economia que valorize quem cria riqueza, condição sem a qual não conseguiremos fortalecer o Estado Social e proteger os mais vulneráveis da nossa comunidade – dos mais jovens aos mais velhos.

Uma alternativa que coloque a coesão territorial no topo das prioridades políticas, com o que tem faltado para resolver as profundas e graves assimetrias e desigualdades territoriais: coragem e ação.

Uma alternativa que lidere um reforço orçamental claro da cultura, ultrapassando ideias preconcebidas de monopólio político sobre o setor.

Uma alternativa cosmopolita, moderna, aberta aos desafios e às realidades atuais, que não aceita e combate todas as formas de discriminação, que promove a igualdade de género e que tem como objetivo último, uma sociedade onde cada pessoa tem o direito à felicidade e ao projeto de vida que escolher.

Uma alternativa que saiba preparar a economia e a sociedade – da escola ao mercado de trabalho, do Estado às empresas – para os desafios da emergência climática e da economia verde e digital, em que os novos modelos de negócio e o avanço da robotização e da inteligência artificial representem mais oportunidades para Portugal e

para as novas gerações, ao invés de um ainda maior atraso face aos países mais desenvolvidos.

A ambição do PSD deve ser, a médio prazo, de construir uma solução reformista maioritária na sociedade e no país, sem contemporizações ou complacências com o imobilismo e as soluções fracassadas do PS.

Esta alternativa que a JSD acredita que a próxima liderança do PSD seja capaz de protagonizar deve ter rasgo, capacidade de inovação e proatividade. A nossa capacidade de comunicar eficazmente - um problema histórico e estrutural do PSD - tem de ser finalmente alcançada. O PSD deve ter uma cultura de desafio constante, de partido que não pára, de força política insaciável na sua vontade de chegar a mais pessoas e envolver cada vez mais pessoas na alternativa protagonizada pelo partido.

A utilização das redes sociais e das ferramentas digitais ao nosso dispor têm de ser alavancadas, não podemos - como tem sido hábito - chegar tarde ao que de novo e pujante se faz em Portugal, na Europa e no mundo. É altura, até pela necessidade, do PSD ter a humildade de reconhecer que trabalhar como até aqui, esperando que o poder nos volte a cair no colo por cansaço face aos socialistas ou por descalabro financeiro do país, não chega. Um partido que quer liderar para desenvolver Portugal tem de trabalhar afincadamente com todas as ferramentas que hoje estão à disposição de todos para chegar a mais pessoas.

Tendo por base este enquadramento, a Juventude Social Democrata propõe:

→ **Profissionalização e aconselhamento estratégico na Comunicação do PSD**

Todos os grandes partidos do mundo ocidental trabalham a sua comunicação de forma profissional e com recurso ao acompanhamento e aconselhamento estratégico no domínio da comunicação. No próximo ciclo, é fundamental que o PSD tenha uma equipa profissional a trabalhar neste domínio estratégico, seja ao nível de design e peças de comunicação, relação com os media, presença e ação nas redes sociais, discurso político ou na preparação de ações e iniciativas políticas. Recorrer a um olhar externo, que seja crítico, especializado e profissional em nada desmerece as nossas valências internas, antes potencia a nossa ação política. Esta equipa de estratégia na comunicação deve estar naturalmente em estreita ligação com a estrutura interna de sondagens, análise de dados e estatísticas, proposta pela JSD neste documento.

→ **Comunicação digital concertada**

Sendo um grande partido de massas, o PSD não pode naturalmente deixar também ter os seus targets políticos bem identificados quando comunica. Nunca seremos ou queremos ser um partido de nicho, de uma causa ou de uma classe, mas temos de saber falar com as diferentes áreas da sociedade, diferentes faixas etárias, classes sociais e áreas do território. Necessitamos de utilizar eficazmente a comunicação, nomeadamente, a digital, através de uma comunicação digital concertada, equacionando alterações profundas na comunicação que é feita via Instagram, Facebook ou Twitter, não negligenciando nenhuma destas redes que permitem uma comunicação

sem mediação. Por outro lado, o email marketing que o PSD tem efetuado raramente tem interesse ou relevo político, sendo necessário que o partido dê uma reviravolta nesta forma de comunicação, até para levar os seus militantes à ação nas redes sociais com a informação que recebem.

→ **Repetir, repetir, repetir**

O PSD tem de ser capaz de colocar claramente no pensamento dos nossos concidadãos as suas principais propostas, pelo que, no nosso entendimento, de nada serve apresentar dezenas ou centenas de propostas, se não conseguirmos priorizar e trabalhar constantemente em torno das nossas principais bandeiras ou ideias-chave. O PSD tem a capacidade de refletir, preparar e executar políticas, mas tem sido incapaz de “vender” da melhor forma as suas ideias, seja em período eleitoral ou não. A comunicação digital, as intervenções da liderança, as ações presenciais, a propaganda através de outdoors e todo o tipo de iniciativa política devem ter, no nosso entendimento, esta preocupação: a de destacar e enfatizar as nossas prioridades políticas, de forma que os portugueses estejam familiarizados e saibam o que o PSD defende a cada momento.

→ **Presidência aberta e roteiros temáticos**

No âmbito da postura proativa que defendemos nos próximos anos, a JSD defende que o Presidente do PSD inicie uma Presidência aberta com roteiros temáticos, a percorrer todo o país, a ouvir e reunir com todos os stakeholders e com todos setores de atividade e da nossa economia. Desta forma, estaremos ao lado do país real, a ouvir os esquecidos pela maioria socialista, mas também a recolher os contributos e o feedback do mundo real para a construção da nossa alternativa. Uma liderança proativa, como a que queremos, é uma liderança que não parará na vontade de estar junto do maior número de portugueses e acompanhar a realidade no terreno. Uma liderança que estará em todas as ruas de Portugal a construir e a passar a nossa mensagem.

→ **Todos contam, todos são chamados à linha da frente**

Apesar de grande, as várias partes da família social democrata trabalham na maioria das vezes na lógica de “cada um por si”. Naturalmente, sendo a JSD uma organização autónoma, valorizamos significativamente a autonomia que existe no seio do PSD e a não sujeição a um diktat único imposto pela liderança nacional do Partido. Porém, defender e valorizar a autonomia em nada é beliscado pela clara noção que a JSD tem de que, no futuro, temos de começar a trabalhar mais vezes juntos. Infelizmente, esta não tem sido a nossa realidade. A JSD defende que passe a existir sinergias e trabalho coordenado entre Comissão Política Nacional do PSD, todas as estruturas e organizações autónomas do partido para trabalhar em torno da agenda e de bandeiras comuns do Partido. A autonomia não sai beliscada, mas a nossa força será muito maior, se cada parte da família utilizar as suas mais valias e características próprias para difundir e trabalhar nas causas que todos defendemos. Cada um por si, na sua quinta, não nos leva a lado nenhum.

→ Criação / revitalização de um podcast do PSD

Em 2020, por sugestão do Presidente da JSD, Alexandre Poço, o PSD lançou o podcast “Ideias Centrais”, um programa no qual seriam “entrevistadas várias personalidades do panorama social democrata sobre os temas que marcam a atualidade portuguesa.” Infelizmente, este podcast teve apenas 6 episódios e não voltou a ter até à data de hoje mais nenhum episódio. Em 2021, surgiu outro podcast, desta vez do CEN, que teve apenas 5 episódios e não voltou a ter até à data de hoje mais nenhum episódio. Os podcasts têm-se tornado cada vez mais populares, pelo que a JSD defende que o PSD revitalize este projeto, com um renovado podcast, que conte com a participação de militantes e independentes, seja em formato de entrevista unipessoal ou tertúlia com mais convidados que possa ser interessante para o público em geral.

O nosso partido tem uma histórica política rica, com participação em momentos chave da democracia portuguesa, com capacidade de arrojo e inovação, com grafismos e slogans que entraram na história da democracia portuguesa, pelo que o PSD deve aproveitar o seu material gráfico do passado, mas também do presente e futuro, para servir de base à criação de uma loja de merchandising do PSD. Esta loja deve servir para difundir a marca PSD, seja através dos militantes que terão orgulho em ter consigo e usar determinados produtos, seja pela capacidade de transformar posições políticas atuais e situações da atualidade política em que os produtos desta linha de merchandising que funcionem como formas de transmissão da nossa mensagem política. A JSD lançou recentemente a sua linha de merchandising, a Loja J, e as primeiras impressões e reações deixam-nos esperançosos quanto ao impacto que pode vir a ter na divulgação da nossa marca junto das novas gerações.



JSD.PT



Modernizar, Abrir e Afirmar:

colocar o **PSD** na **Linha** da **Frente**